

Da semiose midiática à semiose hipermidiática: jornalismo emergentes¹

Geane Carvalho Alzamora²

Docente da Faculdade de Comunicação e Artes da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (FCA/PUC Minas)

Resumo

Este trabalho discute a semiose da informação jornalística na internet, tendo por referência comparativa a semiose da informação jornalística nos meios de comunicação de massa. A partir da semiótica peirceana, considera-se que a lógica comunicacional da internet privilegia aspectos da operação semiótica de representação sígnica, ao passo que a lógica comunicacional dos meios de massa privilegia aspectos da operação semiótica de determinação sígnica. A operação semiótica de representação, aqui relacionada à diversificação dos processos de mediação social, envolve a operação semiótica de determinação, aqui relacionada a centros privilegiados de mediação social. Essas operações são complementares na semiose. Nessa perspectiva teórica, formatos emergentes de informação na internet não significam rupturas com o jornalismo de massa, mas o aprimoramento semiótico de sua lógica comunicacional.

Palavras-chave

Semiose-jornalismo-hipermídia

O jornalismo nas mídias e na hipermídia

O jornalismo de massa funda-se no pressuposto de que é possível transmitir uma mesma mensagem para uma quantidade tão ampla quanto possível de receptores heterogêneos e dispersos geograficamente. Nesse contexto comunicativo, a ação dos receptores sobre a mensagem é limitada e sempre mediada pelos jornalistas, que definem o que deve ou não ser veiculado.

Essa lógica comunicacional disseminou-se ao longo do século 20, delineando os diversos meios de comunicação de massa. Os primeiros anos do século 20 foram berço da expansão da mídia impressa, da qual o jornal é o grande expoente, enquanto o rádio foi o meio de comunicação de massa que mais fortemente marcou o período entre guerras. A partir dos anos 50, a popularização gradativa da televisão incrementou a comunicação de massa, cujo apogeu remonta aos anos 70 (MARCONDES, 2000).

¹ Trabalho apresentado ao NP Semiótica da Comunicação, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Jornalista, Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC SP) e professora de Semiótica na FCA/PUC Minas, onde coordena o grupo de estudos (CNPq) 'Comunicação e Redes Hipermidiáticas'. Geane Alzamora é uma das organizadoras da coletânea 'Cultura em fluxo – novas mediações em rede' (Editora PUC Minas, 2004). geanealzamora@uol.com.br.

Os anos 80, porém, marcaram o início da era da personalização e da segmentação, com a entrada dos videocassetes e dos satélites no mercado. De modo limitado e parcial, a individualização do processo comunicativo teve início, por exemplo, com a possibilidade de o receptor gravar programas televisivos para assisti-los em outros horários. Posteriormente, a diversidade de canais pagos incrementou esse processo de segmentação da informação. A multiplicação das editorias jornalísticas, que segmentam assuntos e abordagens, data desse período.

Entre os anos 80 e 90, observou-se gradativa alteração na lógica social da comunicação. Aos poucos, a lógica da oferta, que caracteriza os meios de comunicação de massa, foi sendo substituída pela lógica da demanda, que caracteriza a comunicação hipermidiática. A lógica da oferta funciona por emissão de mensagens, ao passo que a lógica da demanda funciona por disponibilização e acesso.³

Ao longo do século 20, as mídias de massa foram se tornando formas híbridas de linguagem e compondo uma teia de relações denominada por Santaella (1992) de rede intermídia. A hipermídia consolida e refina a noção de rede intermídia. Além de integrar a rede intermídia e de se caracterizar justamente por ser um processo comunicativo que opera em rede, a hipermídia ainda condensa, de modo bastante peculiar, os dispositivos semióticos oriundos de mídias de massa impressa, radiofônica e audiovisual. A proliferação de formatos variados de informação e a diversificação dos processos de mediação social caracterizam a rede hipermidiática, diferenciando-a, sob diversos aspectos, da mediação social nos meios de massa.

Processos de mediação social nas mídias e na hipermídia

A função mediadora está intimamente relacionada à linguagem, ou seja, à capacidade de se produzir informações codificáveis e decodificáveis segundo os hábitos de comunicação de emissores e receptores. Essa perspectiva leva em conta “um poder originário de discriminar, de fazer distinções, portanto de um lugar simbólico, fundador de todo conhecimento” (SODRÉ, 2003, p. 21). A mediação no jornalismo de massa deriva dessa perspectiva, que favorece a existência de centros privilegiados de emissão.

³ Sobre o assunto, ver PALÁCIOS, 2003, in: www.fca.pucminas.br/jnc; WOLTON, 2001.

Processos de mediação social se corporificam significativamente em mensagens que podem ser tecnicamente veiculadas. Meios técnicos de comunicação (também chamados veículos, canais ou suportes) são, porém, um modo entre outros de se favorecer a mediação social. Sodré (2003) distingue instituições mediadoras⁴ (família, escola, sindicato, partido, etc.) de midiatização, que se refere a

mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional, a reboque de organizações empresariais e com ênfase num tipo particular de interação – a que poderíamos chamar tecnointeração – caracterizada por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada médium (SODRÉ, 2003, p. 21).

O jornalismo de massa tanto pode ser visto pelo prisma da midiatização quanto pelo prisma das instituições mediadoras que o legitimam socialmente. Em ambos, a mediação social enfatiza a formação de centros privilegiados de emissão. A diversificação das mediações sociais, típica da comunicação hipermidiática, demanda uma apreensão estratificada dos processos contemporâneos de mediação social. Assume-se aqui a hipótese de que o modelo da semiose de Charles Sanders Peirce pode oferecer contribuições para se compreender a questão.

Na abordagem peirceana, mediação é sinônimo de semiose, ou seja, de transformação aprimorada⁵ de um signo em outro, o que resulta em comunicação⁶. Como um signo só se completa no posterior e este no seguinte, infinitamente, mediação seria a função sígnica primordial. Mediação, para Peirce, é comunicação, um processo estratificado de interações sígnicas variadas.

Na semiose, a mediação sígnica estabelece trocas sígnicas relacionadas à determinação oriunda de um pólo emissor (lugar lógico do objeto) e à representação proveniente de um pólo receptor (lugar lógico do interpretante)⁷. A operação semiótica de

⁴ Sobre mediação e mídia ver também BARBERO, 2001; DEBRAY, 2000.

⁵ A perspectiva de aprimoramento contínuo da semiose é um preceito do pragmatismo peirceano, segundo o qual a semiose é um processo sígnico auto-corretivo e auto-gerativo. Sobre o assunto ver, por exemplo, KENT, 1987; SANTAELLA, 1992.

⁶ A tríade da semiose (signo, objeto e interpretante) pode ser considerada uma abstração máxima dos três elementos fundamentais de qualquer processo comunicativo (mensagem, emissor, receptor). Pela mediação, os componentes sígnicos intercambiam informação organizada na forma de mensagem. Nessa perspectiva, comunicação é um processo dialógico que resulta da semiose. Sobre o assunto ver, por exemplo, BERGMAN, 2002; JOHANSEN, 1993.

⁷ Sobre o assunto ver SANTAELLA e NÖTH, 2004.

representação introduz, pela ação sígnica do interpretante, novas informações⁸ à semiose, enquanto a operação semiótica de determinação, ao contrário, apenas direciona o fluxo sígnico da semiose rumo ao interpretante. As duas operações, que são complementares na semiose, conformam a mediação sígnica. Pela representação posterior, a semiose aprimora a determinação sígnica precedente. A mediação, portanto, circunscreve o intercâmbio das duas operações semióticas, conformando a semiose e propiciando a comunicação.

Nessa perspectiva teórica, processos transmissivos de informação privilegiariam a operação semiótica de determinação sígnica, enquanto processos interativos de informação privilegiariam a operação semiótica de representação. Nota-se que o predomínio de uma operação semiótica não significa a ausência de outra. Não há semiose sem que haja determinação e representação, embora essas operações possam aparecer em graus diferenciados na mediação.

Processos de mediação social ambientados em meios técnicos de massa privilegiam o pólo da emissão (lugar lógico do objeto) em detrimento do pólo da recepção (lugar lógico do interpretante). Por causa disso, Cherry (1980) não os considera verdadeiramente comunicativos, preferindo denominá-los sistemas unilaterais de informação. Tais sistemas fundam-se em processos centralizados de mediação social e ancoram-se na operação semiótica de determinação⁹, que governa o regime de transmissibilidade das mensagens jornalísticas de massa. O jornalismo exemplifica essa abordagem.

Processos descentralizados de mediação social, dos quais a comunicação hipermediática é um exemplo, fundam-se predominantemente na operação semiótica de representação¹⁰ e se traduzem, assim, em mediações sociais diversificadas e marcadamente dialógicas. A idéia de mediação em Peirce, que engloba as operações semióticas de representação e de determinação, pressupõe transmissão, atualização e associação de informações. A diversificação dos processos de mediação social observável na internet favorece o desenvolvimento da mediação sígnica defendida por Peirce e,

⁸ Informação é uma espécie de matéria-prima da comunicação, uma vez que aquilo que se comunica é genericamente chamado informação. De modo heterogêneo e nem sempre preciso, o termo delinea teorias e modelos de comunicação, sendo regularmente associado a “novidade”. No âmbito do jornalismo, costuma-se relacioná-lo a critérios de noticiabilidade. Na teoria de Charles Sanders Peirce, o termo aparece com relativa frequência, sempre associado a processos de aquisição de conhecimento.

⁹ Sobre o assunto ver PARMENTIER, 1985.

¹⁰ Sobre o assunto ver PARMENTIER, 1985.

conseqüentemente, o aprimoramento dos processos comunicacionais tecnicamente mediados.

Híbrida, multifacetada e plural, a internet abriga processos diferenciados e complementares de mediação social, dos quais emergem formatos instáveis e plurais de informação. A dinâmica de imbricação desses processos revela procedimentos semióticos diferenciados e, em certa medida, distantes da lógica comunicacional dos meios de massa.

A semiose da mediação jornalística

O jornalismo obedece à lógica da comunicação de massa e, conseqüentemente, orienta-se pela operação semiótica de determinação, que governa o regime de transmissibilidade das mensagens nos meios de massa. Pauta-se, assim, pela primazia dos emissores sobre os receptores¹¹, de tal modo que os jornalistas tornam-se legítimos mediadores sociais da realidade, definindo quais acontecimentos devem ou não ser destacados em forma de notícia. Nessa perspectiva, a notícia é uma espécie de representação simbólica da realidade, que deriva de processos centralizados de mediação social.

[...] para ganhar o estatuto de notícia um fato deve passar por uma negociação que envolve o próprio acontecimento e seus atributos e algumas exigências decorrentes da natureza do trabalho jornalístico. É dessa negociação que começa a tomar forma a notícia (MOTTA, 1997, p. 310).

Como se dá sob domínio da operação semiótica de determinação, o jornalismo define a priori quais personalidades e pontos de vistas devem permear o acontecimento noticiado. Desse modo, determina não apenas o entorno da informação, como também seu alcance social. O jornalismo lida, assim, com uma noção de informação profundamente marcada pela transmissibilidade, que se destina prioritariamente a formar uma opinião social acerca de dado acontecimento, conformando certa representação social da realidade.

A informação não se limita a dar conhecimento do que é de interesse público; ao fazê-lo, fá-lo de uma certa perspectiva e com uma certa finalidade. [...] a informação dada visa muito mais suscitar nos

¹¹ Teorias do jornalismo, como Agenda *Setting*, *Newsmaking* e Espiral do Silêncio, sublinham a primazia dos emissores sobre os receptores nos processos de mediação social relacionados à produção e à circulação das notícias. Sobre o assunto ver, por exemplo, PENA, 2005.

destinatários da informação um certo posicionamento ou atitude (FIDALGO, 2003, p. 11¹²).

Reportagens representam os acontecimentos pela mediação da pauta. Esta determina as representações jornalísticas da realidade e, através da mediação das reportagens, determina como o público representará os acontecimentos cotidianos destacados pela mediação jornalística. “A pauta, que leva o repórter aos acontecimentos ou às fontes, é um signo resultante da seleção e interpretação de alguma mente. Como signo, desencadeia semiose que, no caso do jornalismo, investe-se de poder determinante” (HENN, 1996, p. 56).

De um meio de comunicação de massa a outro, a lógica jornalística privilegia a mesma operação semiótica. Já a hipermídia opera em outra dimensão semiótica, que se afasta, sob diversos aspectos, da lógica da comunicação de massa. Um dos grandes desafios para o jornalismo contemporâneo é, justamente, adequar-se ao novo ambiente comunicacional e ao tipo de operação semiótica que o modela.

O jornalismo digital compreende não apenas o fornecimento de notícias em rede de computadores, pois algo semelhante já fluía dos velhos teletipos ou, mais recentemente, dos boletins via fax. Agora, ele traz consigo a possibilidade da interlocução do consumidor com o fornecedor, do receptor com o emissor e destes entre si. O que era onidirecional passou a ser reticular (SILVA, 1997, p. 254).

As operações semióticas que transitam na internet são potencializadas pelas características da linguagem hipermidiática, tais como multimidialidade, hipertextualidade e interatividade (LÉVY, 1999). Esses recursos aparecem de modo bastante variado na comunicação hipermidiática, revelando possibilidades diferenciadas de mediação social, como interpretação das informações veiculadas, escrita coletiva e debate¹³. De modo geral, pode-se afirmar que os recursos da linguagem hipermidiática enfatizam o predomínio da operação semiótica de representação sígnica. A atitude ativa do usuário, indispensável à operação semiótica de representação, é potencializada pelos recursos da linguagem hipermidiática, que se traduzem em processos complexos e diversificados de mediação.

¹² Disponível em: <<http://www.bocc.pt/fidalgo-interesse-curiosidade-informacao.html>>; acesso em: 15 dez. 2003.

¹³ Sobre o assunto ver PRIMO, 2004.

A blogosfera¹⁴ - aqui entendida como espaço virtual de interações sociais diversificadas, fundadas na perspectiva pessoal da informação - sublinha esse predomínio semiótico. O jornalismo que emerge da internet lida, em maior ou menor grau, com essa dimensão da semiótica. Na medida em que insere em sua perspectiva editorial elementos da blogosfera e das mediações sociais que lhe são correlatas, o jornalismo da internet distancia-se das características modeladoras do jornalismo de massa.

A semiótica jornalística na internet

O jornalismo da internet é uma espécie de desdobramento semiótico do jornalismo de massa. Trata-se, assim, de um novo signo, equivalente ao primeiro sob alguns aspectos mas diferente sob outros. Nesse novo 'signo jornalístico' observam-se aspectos da lógica transmissiva dos meios de massa, como critérios de noticiabilidade¹⁵ e processos centralizados de mediação social. Mas, contraditoriamente, também se observam aspectos da lógica comunicacional típica da blogosfera, como processos descentralizados de mediação social, que veiculam visões pessoais dos acontecimentos em formatos majoritariamente interativos.

Essa lógica híbrida de comunicação é observável, por exemplo, no jornalismo de portal. Ao mesmo tempo em que reproduzem a estrutura jornalística tradicional, os portais abrigam blogs, flogs, vlogs, chats e comunidades virtuais. Além disso, atuam como servidores de acesso à internet, delineando também a comunicação interpessoal na internet.

Observam-se, no jornalismo de portal, processos de atualização constante de informações. Isso, obviamente, problematiza a idéia de periodicidade oriunda dos meios de massa. Na mesma medida, os sistemas de busca de informação tornam o conteúdo não disponível na edição acessível ao internauta, permitindo, assim, maior autonomia do lugar lógico da recepção na semiótica jornalística.

O Portal Uol (www.uol.com.br), por exemplo, mantém uma série de blogs da redação, além de relacionar blogs de convidados e do público. Entre os blogs da redação,

¹⁴ Assume-se aqui uma perspectiva ampliada da noção de blog. Mais que um mero diário pessoal, blog se refere a formas variadas de divulgar representações pessoais dos acontecimentos, noticiáveis ou não. Esse conceito inclui diversificadas propostas comunicacionais fundadas na representação pessoal das informações, tais como fotoblogs (flogs), videoblogs (vlogs), sites de relacionamentos (como Orkut) e outras comunidades virtuais, *wikinews* e *podcasts*.

¹⁵ Critérios de noticiabilidade se referem à identificação de valores jornalísticos, como momento do acontecimento, intensidade, clareza, proximidade, surpresa e continuidade, entre outros. Sobre o assunto ver CANAVILHAS, 2001; SOUZA, 2000.

cujas informações frequentemente são destacadas na *homepage* do portal, observa-se uma sutil subversão da noção de editoria, que sublinha o jornalismo de massa. Embora referenciados em uma determinada perspectiva editorial, os blogs não têm compromissos com quaisquer recortes editoriais, nem mesmo os blogs da redação.

Em 02.06.2006 o “Blog do Tas¹⁶”, referenciado pelo Uol como “Diversão e Arte”, destacava a seguinte notícia: “Lula ofereceu a Quércia o lugar de vice em sua chapa de candidato a presidente”. No mesmo dia, um outro blog da redação, o “Blog do Sérgio Dávila¹⁷”, referenciado como “Cinema”, destacava uma entrevista feita por ele com uma seqüestradora iraniana.

Do ponto de vista do uso editorial dos recursos da linguagem hipermidiática, nota-se diferenças sutis entre ambos. Enquanto o “Blog do Tas” investe mais na perspectiva mutimidiática, disponibilizando informações escritas, sonoras, fotográficas e videográficas, além de oferecer ao internauta a possibilidade assinar um *videopodcast*¹⁸, o “Blog do Sérgio Dávila” opta por destacar informações escritas acompanhadas de fotografias, embora também disponibilize informações em formato *podcast*.

Os dois blogs mencionados imprimem perspectiva pessoal às notícias que veiculam. O “Blog do Tass” diferencia-se pelos comentários irreverentes de seu autor, em linguagem mais televisiva, enquanto o “Blog do Sérgio Dávila”, mais próximo das reportagens escritas, traz um perfil do jornalista feito por ele mesmo, atitude comum entre os “orkuteiros”. Dávila, inclusive, informa seu estado de espírito no dia com um símbolo, atitude muito comum entre os “blogueiros”. Além disso, indica livros, reportagens e websites jornalísticos.

Na mesma linha de “jornalismo pessoal”, o “Blog do Noblat¹⁹” mistura notícias com informações pessoais, constituindo, com outros blogs jornalísticos, uma outra modalidade de informação jornalística. Trata-se de uma espécie de representação própria dos critérios de noticiabilidade, determinantes da notícia.

Em 22 de Outubro de 2005, em meio à cobertura que fazia da Reunião Nacional do Partido dos Trabalhadores, que expulsou o ex-tesoureiro Delúbio Soares, Noblat comentou

¹⁶ Blog do jornalista Marcelo Tas (<http://marcelotas.blog.uol.com.br>).

¹⁷ Blog do jornalista Sérgio Dávila (<http://sergiodavila.blog.uol.com.br>).

¹⁸ “Podcasting é uma forma de publicação de programas de áudio, vídeo e/ou fotos pela internet, que permite aos utilizadores acompanhar a sua atualização” (<http://pt.wikipedia.org/wiki/podcasting>, acessado em 02.06.2006).

¹⁹ Blog do jornalista Ricardo Noblat (<http://noblat1.estadao.com.br/noblat>).

a expansão dos blogs de jornalistas e um desentendimento com a esposa. Não se trata, obviamente, da linguagem jornalística tradicional. Mesmo assim, o “Blog do Noblat” foi considerado pelo jornal argentino *El Clarin* a melhor cobertura brasileira do Mensalão²⁰.

Se não tivessem surgido outros blogs sobre os bastidores do poder em Brasília, como o de Moreno, no Globo Online, e os de Fernando Rodrigues, no UOL, e do Josias de Souza, na Folha Online, eu talvez estivesse dormindo. Aliás, estou cansado porque fui ontem a Fortaleza para uma palestra e voltei hoje de lá em vôo que decolou às cinco e pouco da manhã. Estava querendo dormir esta tarde. Minha mulher quer ir ao cinema mais tarde. Mas aí teve essa história do Delúbio. E estou aqui. Moreno, Fernando e Josias têm mais juízo do que eu. Devem estar repousando - e fazem bem (NOBLAT, acessado em 22/10/2005).

Para além do jornalismo de portal e dos veículos de comunicação de massa ambientados na internet, as notícias conformam boa parte da blogosfera, o que ressalta o aspecto híbrido dessa lógica comunicacional: se por um lado evidenciam a diversificação de processos de mediação social, adicionando novos autores e abordagens à produção da notícia, por outro privilegiam aspectos transmissivos da informação veiculada, preservando critérios de noticiabilidade oriundos dos meios de massa.

O vlog²¹ do jornalista norte-americano Brian Williams, que mistura informação videográfica com informação escrita, é um exemplo disso. Williams é âncora da NBC e, em seu vlog *Daily Nightly* (<http://dailynightly.msnbc.com>), emite opiniões que não vão ar no telejornal que apresenta, disponibiliza matérias em processo de apuração e se coloca disponível para discutir com os internautas os rumos da edição. A atitude, obviamente, contradiz a lógica transmissiva dos meios de massa, incorporando aspectos da lógica interativa da internet aos processos de produção e circulação de notícia.

Ao lado dos blogs de jornalistas, diversos outros blogs noticiosos, produzidos por internautas, vêm conquistando audiência na internet. É o caso do noticiário em formato de videoblog da atriz norte-americana Amanda Congton (www.rocketboom.com)²². Ela apresenta o noticiário de seu quarto, em um *notebook*, tendo um mapa como cenário. Vários internautas participam de seu vlog como colaboradores.

²⁰ Relativo a denúncias de compra de votos no Congresso Nacional, que resultou em grave crise no Partido dos Trabalhadores, fundado pelo presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva. Sobre repercussão do “Blog do Noblat” no jornal *El Clarin*, ver a matéria “Famoso e influente sin salir de casa” (<http://www.clarin.com/diario/2005/09/26/conexiones/t-01012157.htm>, acessado em 01.06.2006).

²¹ *Vlog Map* (www.vlogmap.org, acessado em 12.05.2006) relaciona diversas produções em formato de videoblog.

²² O vlog foi destaque no Caderno de Informática do *Jornal Folha de S.Paulo* (p.2, 07.09.2005).

A perspectiva colaborativa da informação, nitidamente ancorada na operação semiótica de representação sígnica, expande-se vertiginosamente pela internet. Algumas experiências jornalísticas inovadoras fundam-se nessa perspectiva. Essas experiências editoriais contemporâneas, denominadas jornalismo participativo, jornalismo cívico ou jornalismo de fonte aberta²³, caracterizam-se por articular textos produzidos por jornalistas e por internautas. Nota-se, nessas experiências, presença recorrente de textos delineados por recursos da linguagem hipermidiática e por critérios de noticiabilidade, embora a participação de jornalistas e da linguagem jornalística tradicional seja relativa.

Lançado em 1997 pelo estudante de Ciências da Computação, Rob Malda, 21 anos na época, *Slashdot* (www slashdot.org) tem sido freqüentemente apontado como um dos mais relevantes exemplos de jornalismo participativo. O formato inovador caracteriza-se principalmente pela ausência de processos centralizados de mediação social e por ser aberto a qualquer internauta que se interesse em publicar nele e/ou participar de seu fórum de discussão²⁴. Esse formato tem sido recorrentemente chamado de blog, fórum ou comunidade virtual, o que evidencia a predominância de mediações sociais típicas da internet e a indefinição conceitual que delinea os formatos emergentes de informação na internet.

Uma das mais relevantes contribuições de *Slashdot* à comunicação contemporânea refere-se ao processo de descentralização das mediações sociais, governado eletronicamente por um *software*. As informações publicadas em *Slashdot* são avaliadas pelos usuários, mediante um sistema eletrônico que indica moderadores temporários no website. Os usuários registrados são escolhidos automaticamente pelo sistema para serem moderadores, cuja função é avaliar, por um período determinado, as contribuições de outros usuários em uma escala de -1 a +5. Cada moderador recebe um número finito de pontos para distribuir, e, quando esses números acabam, termina sua função como moderador temporário no sistema²⁵.

Embora não se apóie em um sistema eletrônico que aponte moderadores temporários, *The Northwestvoice* (www.northwestvoice.com) é outro exemplo instigante de

²³ Há diferenças conceituais sutis entre as denominações. Uma boa exposição do tema pode ser encontrada em <<http://www.journalism.nyu.edu>>, website da *New York University* que apresenta propostas jornalísticas experimentais fundadas em pesquisas realizadas pela instituição. Uma frase síntese da proposta é: “*Open Source Journalism. Or: My readers know more than I do*” (<<http://www.journalism.nyu.edu/pubzone>>; acesso em: 4 fev. 2005).

²⁴ Sobre o assunto, ver, por exemplo, CRAMER, 2003; MOURA, 1999.

²⁵ Sobre o assunto, ver JOHNSON, 2003.

jornalismo participativo. Esse website divulga informações produzidas por sua equipe de reportagem e também por internautas, constituindo uma comunidade virtual composta por jornalistas e por colaboradores²⁶. Tal hibridismo de mediações sociais se traduz em diversificação das operações semióticas que delineiam o website.

Segundo informações da revista digital *Wired*²⁷, esse é o primeiro experimento em jornalismo participativo on-line do qual derivou uma edição impressa semanal. A grande novidade, porém, é que a edição impressa é previamente aprovada pelos membros da comunidade virtual que fundamenta o jornal on-line. Assim, a operação semiótica que conforma essa singular comunidade virtual torna-se também delimitadora também da edição impressa.

Desde 1995, *Salon* (www.salon.com) experimenta formas inovadoras de se fazer jornalismo na internet. Esse website, que possui sofisticado sistema de busca, igualmente mantém um sistema híbrido de informações, composto por contribuições de internautas, em forma de *posts*, fórum de debates e comunidade virtual, e por uma equipe de jornalistas, responsável pela edição do website e por reportagens. *Salon* tem recebido anualmente, desde 1996, diversos prêmios relativos à experiência jornalística que inaugura.

Considerações finais

Os experimentos relatados associam, em graus diferenciados, aspectos complementares das operações semióticas de determinação e de representação sócio-cultural, imprimindo perspectiva híbrida e mutante às informações jornalísticas na internet. As mediações sociais que delineiam esses experimentos denotam, porém, um predomínio evidente da operação semiótica de representação, através da qual se conformam novas possibilidades de produção e circulação de notícias.

Nota-se, nesses experimentos, uma relativa descentralização dos processos de mediação social, mas não a eliminação desses processos. Observa-se ainda que critérios de noticiabilidade misturam-se à perspectiva pessoal da informação veiculada, confundindo

²⁶ Uma comunidade virtual também se forma em torno do *The New York Times on the web* (www.nytimes.com). Eventualmente, contribuições dessa comunidade se tornam pautas jornalísticas na versão digital do periódico impresso. Por meio de um sofisticado software, a empresa rastreia os acessos dos membros dessa comunidade ao webjornal, constituindo um refinado banco de dados sobre hábitos e interesses de leitura. Assim, embora a linguagem jornalística de *NYTimes.com* espelhe o suporte impresso que lhe é referencial, observam-se alterações significativas nas mediações sociais que delineiam a versão digital do periódico.

²⁷ Disponível em: <<http://www.wired.com/news/culture>>; acesso em: 4 fev. 2005.

recortes editoriais oriundos dos meios de massa e alterando pressupostos conceituais da linguagem jornalística tradicional. Há, portanto, processos diversificados de mediação social que representam variadamente a determinação jornalística proveniente dos meios de comunicação de massa.

A periodicidade, marca do jornalismo de massa, também se altera nesses experimentos, que investem em processos variados de atualização das informações. Os sistemas de busca expandem o acesso às informações passadas, contribuindo para diversificar a noção de edição, atributo da periodicidade. Já os recursos da linguagem hipermidiática imprimem aspectos semióticos diversificados às informações veiculadas nesses experimentos noticiosos, conjugando especificidades oriundas de vários meios de comunicação de massa.

Pode-se considerar que esses experimentos noticiosos são determinados, em grande medida, pelos critérios de noticiabilidade oriundos dos meios de massa, mas representam o “olhar” hipermidiático contemporâneo sobre tais critérios, observável em processos diversificados de mediação social. Sem compromisso com a lógica editorial dos meios de massa, os critérios de noticiabilidade na internet refletem a dinâmica dos posicionamentos pessoais típicos da blogosfera. A operação semiótica de representação, portanto, altera a perspectiva determinista dos critérios de noticiabilidade oriundos dos meios de massa.

A emergência na internet de formatos mais livres e dinâmicos de informação atesta a semiose do jornalismo na contemporaneidade. Por um lado, reconhece-se nesses experimentos algo do bom e velho jornalismo de massa, mas, por outro, depara-se com o inusitado, que se expressa através da diversidade de formatos e de propostas editoriais. Trata-se, certamente, de um novo signo jornalístico, fundado na diversificação dos processos de mediação social. Esse novo signo jornalístico, um prolongamento semiótico do jornalismo de massa, representa, em perspectivas múltiplas, a determinação conceitual oriunda do jornalismo de massa. É jornalismo e não é.

Referências Bibliográficas

BARBERO, Martins Jesús. *Dos meios às mediações – comunicação, cultura, hegemonia*. Trad.: Ronaldo Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

BERGMAN, Mats. Reflections on the role of the communicative sign in semeiotic. In: Transactions of the Charles S. Peirce Society: A Quarterly Journal in American Philosophy XXXVI, n. 3, p. 225-254, 2000 (disponível em www.helsinki.fi/science/commens/papers/refrole.html, acessado em 10.12.2003).

CANAVILHAS, João. *O domínio da informação-espectáculo na televisão*, 2001. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt>> Acesso em 12 abril de 2006.

CHERRY, Colin. The communication explosion. IN: FOSTER, Mary lecron; BRANDES, Stanley H. (eds). *Symbols as sense*. New York: Academic Press, 1980.

CRAMER, Florian. *The computer geek fórum slashdot.org could give you an idea of the future of online journalism*. Disponível em: <<http://www.fu-berlin.de/cgi-bin/htdig/showne.cgi?url>>. Acesso em: 15 out. 2003.

DEBRAY, Régis. História de quatro “M”. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado (Orgs.). *Para navegar no século 21 – tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre: EDPUCRS e Editora Sulina, 2003. p. 137-160.

JOHANSEN, Jorgen Dines. *Dialogic semiosis: an essay on signs and meaning*. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1993.

KENT, Beverley. *Charles S. Peirce – logic and the classification of sciences*. Kingston and Montreal: McGill-Queen’s University Press.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad.: Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e jornalismo – a saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Teoria da notícia – as relações entre o real e o simbólico. In: MOULLIARD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Orgs.). *O jornal – da forma ao sentido*. Trad.: Sérgio Grossi Porto. Brasília: Paralelo 15, 1997.

MOURA, Catarina. *O jornalismo na era Slashdot*. Disponível em: <<http://www.bocc.pt/moura>>, 1999. Acesso em: 10 nov. 2003.

JOHNSON, Stevens. *Emergência: a dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares*. Trad.: Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

PALACIOS, Marcos. *Fazendo jornalismo em redes híbridas: notas para discussão da internet como suporte mediático*. Disponível em: <<http://www.fca.pucminas.br/jornalismocultural>>. Acesso em: 20 dez. 2003.

PARMENTIER, Richard J. Sign's place in media res: Peirce's concept of semiotic mediation. In: MERTZ, Elizabeth; PARMENTIER, Richard J. (Eds.). *Semiotic mediation*. Orlando: Academic Press, 1985.

PENA, Felipe. *Teorias do jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.

PRIMO, Alex. *Quão interativo é o hipertexto? Da interface potencial à escrita coletiva* (www.ufrgs.br/limc/PDFs/primos, acessado em 21.10.2005).

SANTAELLA, Lúcia. *A assinatura das coisas – Peirce e a literatura*. São Paulo: Imago, 1992.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. *Semiótica e comunicação*. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

SILVA, Luis Martins. Imprensa, discurso e interatividade. In: MOULLIARD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Orgs.). *O jornal – da forma ao sentido*. Trad.: Sérgio Grossi Porto. Brasília: Paralelo 15, 1997.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho – uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2003.

SOUSA, Jorge Pedro. *As notícias e seus efeitos*. Coimbra: Minerva Coimbra, 2000.

WOLTON, Dominique. *E depois da internet?* Algés: Difel 82, 2001.

